



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: ARTES VISUAIS E MÚSICA**

ÁTILA GABRIEL DOS SANTOS

**SABERES E PRÁTICAS ETNOBOTÂNICAS PRESENTES NOS QUINTAIS DO
MUNICÍPIO DE TERESINA DE GOIÁS**

Arraias – TO

2022

Átila Gabriel dos Santos

**Saberes e práticas etnobotânicas presentes nos quintais do Município de Teresina de
Goiás**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo

Arraias – TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237s Santos, Átila Gabriel dos.
Saberes e práticas etnobotânicas presentes nos quintais do Município de
Teresina de Goiás. / Átila Gabriel dos Santos. – Arraias, TO, 2022.
45 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2022.

Orientador: Gilberto Paulino de Araújo

1. Saberes tradicionais. 2. Educação do Campo. 3. Plantas Medicinais. 4.
Teresina de Goiás. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**


Átila Gabriel dos Santos

Saberes e práticas etnobotânicas presentes nos quintais do Município de Teresina de Goiás

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins/ Campus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.


Data de aprovação: 08 de novembro de 2022.

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 GILBERTO PAULINO DE ARAUJO
Data: 23/02/2023 16:21:22-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

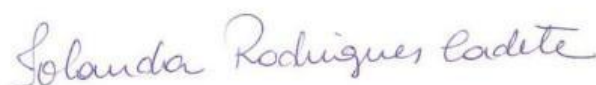
Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo - UFT

Orientador

Documento assinado digitalmente
 SILVIA ADRIANE TAVARES DE MOURA
Data: 23/02/2023 14:03:45-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Sílvia Adriane Tavares de Moura – UFT

Examinadora



Profa. Esp. Iolanda Rodrigues Cadete – MADER /UnB; GEPEC/UFT

Examinadora

À minha mãe, dedico esta conquista.
Mesmo sem nenhum conhecimento
da escrita, sempre me incentivou a
acreditar na educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida.

Aos meus pais pela minha educação inicial. Principalmente minha mãe, mesmo sem o conhecimento da escrita me incentivou e continua me incentivando a ter tudo aquilo que lhe foi negado.

Ao professor, orientador e amigo Dr. Gilberto Paulino de Araújo. Agradeço pela generosidade de me convidar para ser seu orientando. Pela dedicação, confiança e incentivo, importantes para meu crescimento profissional e pessoal, pelas conversas descontraídas e pelo incentivo nessa jornada.

Aos meus colegas de curso pela dedicação, apoio e ajuda durante esse processo, que foi uma troca de saberes e experiências.

Aos colaboradores/entrevistados que me receberam em suas casas, abrindo a suas portas para que eu tivesse acesso aos seus quintais. Agradeço pela disponibilidade e contribuição.

Minha gratidão a todos que foram à luta comigo. E pela grande família que nos tornamos.

A todos os professores do curso, em especial, aos que acreditaram que somos capazes e nos incentivaram a produzir e participar de eventos.

A todos meus familiares e colegas da comunidade por estarmos juntos na luta.

“O que sabemos não é individual, original, único. Tem muito de nós, da nossa identidade, e muito dos outros”. (Natália de Paula Reis)

RESUMO

Este trabalho aborda como os quintais se apresentam como espaços de saberes e práticas tradicionais. De maneira específica, descreve as experiências do cultivo e uso de plantas medicinais presentes nos quintais de moradores do município de Teresina de Goiás. Nessa cidade, se encontram „etnoespecialistas“ que partilham sua sabedoria com vistas a promover o cuidado com a saúde coletiva. Do ponto de vista etnobotânico, a pesquisa realizou o levantamento do nome popular das plantas medicinais cultivadas nos quintais investigados, assim como os usos e a relevância para a comunidade. A metodologia em que se pauta o estudo é de base qualitativa a partir da pesquisa de campo e entrevistas realizadas com moradores do município em questão. Vale ressaltar que esse tema é de interesse para a Educação do Campo uma vez que tem sido discutido pelos movimentos sociais, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), responsável pela realização de encontros e a produção de documentos sobre a saúde das populações rurais. Além disso, o movimento tem reivindicado a valorização e o reconhecimento dos saberes tradicionais, assim como atenção médica como prioridade para os povos do campo, salientando como é primordial o cuidado com a prevenção, a promoção do bem-estar e o respeito às diferenças culturais relativas ao fortalecimento das práticas não convencionais de saúde.

Palavras-chave: Saberes tradicionais. Educação do Campo. Plantas Mediciniais.

ABSTRACT

This work addresses the question of how backyards reveals themselves to be spaces of knowledge and traditional practices.. Specifically, it describes the experiences of cultivation and use of medicinal plants found in the backyards of residents of the municipality of Teresina de Goiás. In this municipality, there are « ethnic specialists » who share their wisdom in order to promote collective health care. From an ethnobotanical point of view, the research carried out a survey of the popular name of medicinal plants grown in the investigated backyards, as well as their uses and relevance to the community. The methodology used in this study is qualitative, including field research and interviews with residents of the municipality in question. It is worth mentioning that this theme is of interest to Educação do Campo, since it has been discussed by social movements, among them the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) responsible for holding meetings and producing documents regarding the health of rural populations. In addition, the movement wants traditional knowledge to be recognized and appreciated as frontline medical care for rural populations, emphasizing that preventive care is paramount, as is the promotion of well-being and respect for cultural differences linked to the reinforcement of unconventional health practices.

Keywords: Traditional knowledge. Rural Education. Medicinal Plants.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivos da pesquisa	11
1.2 Memorial do estudante	11
2 ELEMENTOS CONCEITUAIS	15
2.1 Educação do Campo	15
2.2 Etnociência (etnobotânica)	18
3 METODOLOGIA	22
3.1 Pesquisa qualitativa	22
3.2 Etnografia	23
3.3 Pesquisa de campo	24
3.4 Entrevista	25
4 SABERES E PRÁTICAS ETNOBOTÂNICAS	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	44

1 INTRODUÇÃO

Os quintais, como ambiente de saberes, como um espaço participativo de promoção de coletivos e de experiências, também se apresenta como um lugar de cura, pois estes espaços são também constituídos de práticas tradicionais, onde se cultiva diversos tipos de plantas medicinais em prol do cuidado com a saúde.

Dessa maneira, nos quintais do município de Teresina de Goiás, localizado na chapada dos veadeiros, situado dentro do território Kalunga, existem “etnoespecialistas¹” que partilham sua sabedoria, relacionada a diversos tipos de plantas medicinais cultivadas nos seus próprios quintais para a promoção do bem-estar dos seus familiares e amigos.

Estas práticas são fruto da relação do ser humano com o meio ambiente. Por meio desta interação, o ser humano “[...] constrói e acumula informação que lhe possibilitam satisfazer suas necessidades, engendrando soluções, resolvendo problemas, compartilhando valores com os outros e construindo coletivos-híbridos de natureza e cura. (BRANQUINHO, 2007, p. 47).

Vale destacar que alguns moradores teresinenses, por herança dos seus ancestrais, adquiriram esses hábitos e ainda utilizam plantas como meio para evitar as doenças, isto é, ervas que, desde tempos remotos, vem amparando as famílias com suas propriedades medicinais. Percebendo tais cuidados e levando em consideração que estes fazem parte da vida desta comunidade da qual faço parte, surgiu o interesse pela presente pesquisa com o intuito de ampliar e sistematizar o conhecimento sobre os tipos de plantas e os seus usos no município de Teresina de Goiás.

Segundo Zent (1999 apud MARÍN, 2014, p. 23), “atualmente, em muitas comunidades, o conhecimento tradicional repousa nas mãos de pessoas idosas deixando em risco a continuidade e sobrevivência dessa sabedoria decorrente dos processos de aculturação entre as gerações mais jovens”.

Santos (2013) afirma que o velho e novo se torna um processo dinâmico e híbrido, ou seja, é uma relação que é viva, que se mistura. Mas que deve haver integração entre as gerações velha e nova, pois nenhuma prática está isenta a mistura cultural.

De acordo com Silva (2013, p. 34), “o conhecimento popular, infelizmente, está se perdendo e caindo no esquecimento, entre os mais jovens.” Por outro lado, a autora enfatiza

¹ Ver ARAÚJO (2014, p. 43) - O termo "etnoespecialista" é empregado para nos referirmos aos colaboradores (membros da comunidade) com profundo conhecimento etnobotânico.

que: “para a comunidade não perder sua tradição e conhecimento das plantas medicinais, ainda é necessário lutar para garantir direitos e valorização social” (SILVA, 2013, p. 37).

Nesse sentido, o apreço pela cultura e conhecimento de um determinado lugar ocorre pelo acolhimento da sua história, pois cada localidade possui suas particularidades. A maneira de viver de uma comunidade é o fator principal que torna uma tradição diferente das outras, de modo a “valorizar, preservar sua cultura e permitir às gerações atuais e futuras de conhecer e utilizar os bens de sua identidade” (SILVA, 2013, p. 38).

Em busca da valorização da cultura dos teresinenses (e para que esta não seja esquecida) é que surgiu o interesse nesta pesquisa, com o intuito de reconhecer e valorizar os saberes tradicionais presentes nos quintais do município de Teresina de Goiás.

A pesquisa emergiu da vontade de não deixar apagar algo importante e valioso do município de Teresina de Goiás, que é o conhecimento medicina (popular) que alguns moradores possuem em relação às plantas medicinais cultivadas nos seus quintais.

Consideramos que esse tema é de relevância para o contexto da educação do campo, pois os saberes e as práticas medicinais presentes nos quintais do município de Teresina de Goiás se configuram como um bem cultural, que promove saúde coletiva e, portanto, integram as pautas definidas pela educação do campo, conforme visto nas palavras de Souza (2022):

A educação do campo tem integrado os bens culturais, comportamentos e habilidades construídos e consolidados ao longo da história das comunidades tradicionais com os conhecimentos científicos da academia. Isso é importante para que sejam valorizados e reconhecidos os saberes presentes no campo (SOUZA, 2022. p. 16).

Conforme consta no artigo científico “Saúde no campo: caminhos percorridos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)”, escrito por Silva e Prada (2019), a integração entre os saberes tradicionais (bens culturais) e os conhecimentos científicos (da academia) tem sido discutida pelos movimentos sociais, dentre eles o movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra MST. Este é responsável pela realização de encontros e a produção de documentos sobre a saúde das populações do campo.

Além disso, o movimento tem reivindicado atenção médica como prioridade para os povos do campo, salientando como é primordial o cuidado com a prevenção e a promoção do bem-estar e o respeito às diferenças culturais relativas ao fortalecimento das práticas não convencionais de saúde.

Veremos no decorrer da pesquisa que as práticas não convencionais de saúde (utilizadas pelos mais idosos nos quintais do município de Teresina de Goiás) são elementos que integram a tradição dessa comunidade.

Nesse contexto, apresentamos o seguinte problema de pesquisa: Qual a relevância dos saberes etnobotânicos presentes nos quintais do município de Teresina para a população local e como estes dialogam com a Educação do Campo?

Seguem abaixo os objetivos que compõe este estudo e o memorial do estudante.

1.1 Objetivos da pesquisa

- a) Objetivo geral: refletir sobre os significados do uso de plantas medicinais por meio do levantamento e do registro das práticas etnobotânicas no contexto da comunidade de Teresina de Goiás.

- b) Objetivos específicos:
 - ✓ Observar de que forma os saberes medicinais tradicionais auxiliam no bem-estar e/ou na saúde dos moradores.
 - ✓ Verificar a inter-relação entre os saberes medicinais locais e a Educação do Campo.
 - ✓ Descrever as práticas etnobotânicas presentes nos quintais dos teresinenses.

1.2 Memorial do estudante

Eu, Átila Gabriel dos Santos, sou o terceiro filho de uma totalidade de quatro irmãos, sendo todos homens. Sou filho de Duval Gabriel dos Santos e de Natalina Fernandes. Tenho trinta e nove anos, vou contar um pouco da minha história e a relação com o curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música.

Nascido de parto normal em casa, sou quilombola Kalunga, com muito orgulho. Na época em que nasci era de costume as mulheres terem seus filhos em casa com ajuda das parteiras, visto que, na nossa comunidade, os moradores não tinham hábitos de frequentar hospitais, até porque não havia por aquelas redondezas. Então, desde cedo éramos acostumados a nos medicar com a medicina extraída da natureza, remédios caseiros, benzimentos e garrafadas.

Eu sempre tive esse olhar para esses saberes, principalmente a sabedoria dos mais velhos como sendo um conhecimento muito valioso. Sou de uma comunidade por nome Ribeirão dos Bois, localizada no município de Teresina de Goiás. Desde muito cedo ajudava minha mãe e meu pai na luta diária deles na plantação da roça para nossa subsistência, pois o plantio era a única forma que eles tinham de nos sustentar.

Morávamos em uma casa de barro e de palha na beira de um rio por nome Ribeirão. Ficávamos um pouco afastados dos demais moradores da comunidade. Vivíamos uma vida feliz, apesar de simples, pois estávamos em contato direto com a natureza. Ainda lembro que, naquela época, frequentava uma escola que ficava a sete quilômetros de distância de onde nós morávamos. Esse percurso diário de ida e volta junto com meus irmãos foram momentos que se tornaram únicos, pois era muito divertido. Ao longo do caminho, íamos sempre felizes, brincando. Pegávamos frutas, como caju, manga pequi, entre outras.

Apesar de a escola ser longe, esse contato com a natureza nos vazia muito bem. Depois de um tempo, mudamos para outra comunidade por nome Abobreira. Nesse local havia mais moradores, o convívio era mais coletivo, sendo que tinha muitas famílias e a vizinhança era mais próxima, assim como a escola. Fomos matriculados eu e meus irmãos. Meu pai e minha mãe logo arrumaram emprego de caseiro e de doméstica em uma fazenda que ficava um pouco longe do povoado. Moramos lá por dois anos e então meus pais resolveram vir morar na cidade de Teresina de Goiás. Eles foram contemplados com um sorteio de uma das casinhas de um programa de moradia do governo. Isso já era em meados dos anos 1994.

Nessa cidade, concluí o ensino médio, mas no auge da juventude, querendo minha liberdade, sobretudo autonomia financeira fui morar em Brasília para trabalhar. Chegando lá, não continuei os meus estudos, pois a vida da cidade grande era nova e muito corrida para mim. Trabalhei em diversas empresas sempre como auxiliar ou ajudante. Morei no Distrito Federal durante doze anos entre idas e vindas.

Voltei a morar com minha mãe em Teresina, cansado da cidade e percebendo que queria uma vida melhor, devido à violência e ao caos urbano, um dos fatores que fizeram com que eu tomasse a decisão de voltar para casa no ano de 2015. Comecei a trabalhar em uma serralheria de um conhecido, onde fiquei por um bom tempo. Contudo, eu tinha um sonho de cursar um curso superior, por acreditar na educação e nas mudanças positivas que ela pode trazer para mim e, conseqüentemente, ao meio em que estou inserido.

Meus pais, principalmente minha mãe, sem nenhuma formação acadêmica, sempre me incentivaram na busca pelo conhecimento, sabendo da contribuição que a educação poderia

me proporcionar. Eu tinha em mente fazer algum curso não somente para me engajar no mercado de trabalho, mas para adquirir mais conhecimento. Fui então avisado por um amigo que teria o vestibular da Universidade Federal do Tocantins, no Câmpus de Arraias.

Foram ofertadas sessenta vagas para o curso de Licenciatura em Educação do Campo: habilitação em Artes Visuais e Música. Logo me interessei, mas nem sabia ao certo do que esse curso realmente se tratava. Mesmo assim me inscrevi no vestibular. Lembro que me cadastrei na cota quilombola, havia três vagas. Fiz a prova e consegui passar, não pela cota, porque fiquei em quarto lugar e como eram apenas três vagas, não consegui, mas fui aprovado pelo sistema universal em trigésimo lugar.

Minha chegada à Universidade Federal do Tocantins não foi fácil, visto que durante o Tempo Universidade (TU) dormíamos em colchões que ficavam no chão em salas de aula reservadas pela coordenação de curso. Além disso, fazíamos comida e tínhamos de conciliar esse tempo com o horário das aulas, que eram o dia todo e, inclusive, algumas aulas no período da noite. Ficava sem tempo de fazer os trabalhos, pois tinha que optar por fazer os trabalhos ou a comida. Muitas vezes, deixava para fazer os trabalhos durante a madrugada, já que era o único horário que eu tinha.

Com o passar do tempo, tudo isso foi mudando, o curso foi tomando rumo e trazendo melhorias para nós. As aulas da noite foram retiradas, pois não estavam trazendo aproveitamento para os alunos. Posteriormente, o curso ganhou uma cozinha nova, onde podíamos fazer nossas refeições. Outra lembrança sobre o início do curso foi a dificuldade encontrada na matéria metodologia científica, uma vez que não sabia fazer textos acadêmicos e pensava que não daria conta. Todavia, contei com a ajuda de tantos professores maravilhosos do curso de Licenciatura em Educação do Campo, tais como Roberta Ribeiro e Gilberto Paulino. Estes se preocuparam comigo e com meus colegas, que também estavam aprendendo conteúdos novos. Eles nos ensinaram didaticamente com tanta paciência e atenção. Enfim, essa matéria foi muito importante, pois aprendi a fazer os textos que me ajudaram em outras matérias.

Assim, fui aprimorando ao longo de todo o curso. Percebi que esse curso foi criado para atender as pessoas do campo. A alternância pedagógica respeita o tempo do trabalhador do campo, seja na sua roça ou na própria cidade. O curso volta-se para a formação de professores da educação básica na luta em prol da universalização da educação para todos.

Nessa perspectiva, eu me senti incluído em um projeto tão gigante, que acabei tendo força para continuar. Eu sempre busquei ser um aluno participativo em todas as aulas: perguntava e procurava sempre tirar as dúvidas na sala. Dessa maneira, me envolvi cada vez

mais com esse curso. Meu ingresso na educação do campo me trouxe grandes aprendizados, conhecimentos tão necessários e amigos que irei levar ao longo da vida.

2 ELEMENTOS CONCEITUAIS

2.1 Educação do Campo

A educação do campo é um conceito dinâmico, criado a partir das relações cotidianas e políticas que afirmam o cuidado à saúde, às experiências e ao social dos sujeitos do campo. Nota-se que esse movimento é vivo e fruto da singularidade de cada um que vive no campo e participa como ator social desse processo.

Nas palavras de Caldart (2008, p. 45), “Educação do Campo é um conceito em movimento como todos os conceitos, mas ainda mais por que busca apreender um fenômeno em fase de constituição histórica; por sua vez, a discussão conceitual também participa deste movimento da realidade”.

Nesse contexto, compreendemos a educação do campo como um movimento pedagógico imprescindível, que considera as peculiaridades presentes no campo (SOUZA, 2022). A educação do campo é conceito vivo que cumpre a função de exteriorizar a voz dos sujeitos do campo, seu modo de viver e de existir e que suas práticas sejam entendidas como produtoras de conhecimentos. Esse conceito não deve ser entendido como sinônimo de educação rural, pois é pensado como projeto que prioriza a dignidade, a cidadania e a autonomia dos sujeitos do campo.

O surgimento da expressão “Educação do Campo” nasceu no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998.

Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro de 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em Julho de 2004 (CALDART, 2012, p. 259).

Dessa maneira, entendemos que o projeto da Educação do Campo vem se destacando, principalmente, em prol de direitos que os povos do campo tanto necessitam, como o acesso a terra, melhorias na condição de vida (trabalho, saúde, educação, saneamento básico, entre outros).

“A Educação do Campo é um movimento nacional, que tem sido construído pelos sujeitos coletivos do Campo, na luta contra o processo de exclusão social e em defesa de outra escola, outra educação e de outro projeto de Campo” (SILVA, 2018, p. 52).

Nesse sentido, um projeto que trate o campo como também sendo um lugar de

produção de conhecimentos e não apenas lugar que reproduz aquilo que vem do urbano.

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação. (FERNANDES, 2002, p. 63).

Com base nesses autores, observamos que o campo é muito mais amplo que uma simples delimitação de um espaço, um lugar, pois nele há costumes, crenças, labuta na terra, convívio com a natureza, práticas alimentares, entre outros. Por isso a educação do campo trabalha para que estas características sejam respeitadas e entendidas como uma luta por melhores condições de vida no meio rural.

Assim, o campo é, sobretudo, um espaço pedagógico, gerador de conhecimentos e aprendizagens, por isso não devemos sustentar a divisão de campo e cidade, ou seja, a visão de que o rural representa o “atraso”, enquanto o urbano significa o “desenvolvimento”. O que se deve é respeitar as especificidades ou as características de cada localidade. Nesse sentido, a educação do campo surge como um movimento educativo autônomo da própria realidade dos povos do campo.

Observamos, então, que a expressão “Educação do Campo” possibilita a reflexão sobre as práticas pedagógicas e as ações educativas realizadas no meio rural brasileiro.

Consiste uma reflexão que considera o campo como espaço de produção pedagogias. Trata-se de um projeto que reafirma a finalidade mais expressiva das práticas educativas desenvolvida no campo. Ela contribui com o desenvolvimento mais pleno do ser humano e sua inserção consciente no contexto social (CALDART, 2002, apud BICALHO, 2018, p. 70).

Assim, podemos entender que esse projeto é complexo, pois visa à valorização do ser humano enquanto sujeito social, bem como reafirma as diversas práticas educativas vigentes dos povos do campo, buscando por cidadania a partir da conquista e garantia desses direitos, como educação de qualidade, saúde, saneamento básico, emprego, ou seja, melhores condições de vida no meio rural.

Os povos do campo têm uma raiz cultural própria, um jeito de viver e trabalhar, distinta do mundo urbano, e que inclui diferentes maneiras de ver e de se relacionar com o tempo, o espaço, o meio ambiente, bem como de viver em organizar a família, a comunidade o trabalho e a educação. Nos processos que produzem sua existência vão se produzindo como seres humanos. (CADART, 2002, p.11).

Nesse processo educativo e de experiências dos povos do campo, a educação do campo entende que todos vão se constituindo ou se construindo a partir da sua realidade.

“Agricultores/as familiares, assalariados/as, caiçaras, extrativistas, pescadores/as artesanais, indígenas, remanescentes de quilombolas, comunidade de fundo de pasto, raizeiros/as, enfim, todos os povos do campo brasileiro”. (SILVA, 2018, p. 51).

Desse modo, “a luta por um novo marco jurídico no país foi incorporada por todas as organizações que constituem o movimento da Educação do Campo como forma de resgatar a dívida social existente com a exclusão da população do campo da escola, como afirmação da Educação” (SILVA, 2018, p.38).

Todos aqueles que vivem no campo possuem um papel fundamental nesse processo, pois cada um deles carrega consigo saberes que juntos integram um todo. Além disso, a luta dos movimentos sociais do campo tem sido fundamental para reivindicar os direitos que esses povos do campo ainda não gozam.

O protagonismo dos movimentos sociais camponeses no batismo originário da Educação do Campo nos ajuda a puxar o fio de alguns nexos estruturantes desta “experiência”, e, portanto, nos ajuda na compreensão do que essencialmente ela é na “consciência de mudança” que assinala e protege para além dela mesma. (CALDART, 2012, p. 259).

Dentre os vários movimentos sociais, cabe destacar o protagonismo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que vem lutando para garantir à população camponesa o acesso a várias demandas.

“A luta é dimensionada em vários setores de atuação do movimento, como a produção, a educação, a cultura, a saúde, as políticas agrícolas e a infraestrutura social [...]”. (FERNANDES, 2012, p. 498).

Os movimentos sociais do campo, dos quais a Educação do Campo foi criada, partem do princípio de que a educação deve ser emancipadora, isto é, que os sujeitos do campo não sejam mais excluídos e possam atuar na busca pelos seus direitos, por sua autonomia, por seu espaço de atuação política e social.

Arroyo e Fernandes (1999, p. 12) ressaltam que “o movimento social é mais urgente. Porque nos situa no terreno dos direitos, nos leva a vincular educação com saúde, cooperação, justiça, cidadania”. E nessa urgência, reivindica do Estado atenção médica com prioridade, bem como o respeito às diferenças culturais e às práticas não convencionais de saúde.

“No decorrer da construção das práticas e do ideário da Educação do Campo, esse

movimento conquista importantes marcos legais que contribuem para o fortalecimento das lutas pela democratização do direito à educação dos sujeitos camponeses”. (MOLINA, 2012, p. 453).

Dessa maneira, a Educação do Campo volta-se para a reflexão e o entendimento da realidade onde está inserida, auxilia na sistematização do conhecimento e situa os sujeitos no reconhecimento como cidadãos de direitos.

A realidade que produz a educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu confronto. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do Campo. (FRIGOTTO, 2010, p. 29 apud CALDART, 2012, p. 261).

Observamos que a Educação do Campo é resultado de muita luta dos movimentos sociais do campo, que esse movimento permanece ativo a partir das contribuições coletivas de homens e mulheres que lutam por melhores condições de vida no meio rural brasileiro.

“Esse processo é educativo, e seu motor é justamente uma coletividade em movimento que passa a produzir uma referência de objetivos para cada ação do cotidiano das pessoas concretas que a integram”. (CALDART, 2012, p. 549).

Um exemplo de conquista dos movimentos sociais relativa à educação são os cursos de Licenciatura em Educação do Campo em várias áreas do conhecimento, implantados em Universidades Federais do Brasil. Enfim “somente a luta coletiva do campesinato e de seus aliados tem condições de fazer valer os direitos positivados”. (MOLINA, 2012.p. 454).

2.2 Etnociência (etnobotânica)

De acordo com Wieczorkowki, Pesovento e Téchio (2018, p. 01), “a Etnociência é uma área recente dentre as demais e instiga os pesquisadores num esforço conjunto para resgatar os conhecimentos tradicionais, muitas vezes quase totalmente colonizados frente ao conhecimento científico”.

As autoras ressaltam que a etnociência se coloca como via de integração entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais, tendo como base o entendimento sobre as relações entre “ser humano e natureza”.

A Etnociência é uma ciência que, diferentemente das ciências habituais, busca valorizar os conhecimentos tradicionais que são passados de geração em geração. Os saberes populares ganham palanque e podem ser mostrados ao mundo.

Um dos principais objetivos da etnociência é valorizar e respeitar a ciência do outro, visto que são diversos os tipos de saberes e técnicas utilizadas pelos povos tradicionais.

Podemos dizer que esse conceito se estende aos povos do campo, tendo em vista que o modo de vida desses sujeitos demonstra como os saberes são adquiridos no convívio com a natureza. Esses conhecimentos são de grande valia para as práticas locais de modo a garantir não somente a sobrevivência, mas também a manutenção das tradições e/ou culturas ao longo do percurso histórico (ROSA, 2018, p.22).

Entendemos que esse é um dos métodos que garantem, entendem, respeitam e valorizam as diversas formas de expressar dos sujeitos perante o mundo. As práticas, as diferenças e o que é experienciado em uma determinada comunidade ou grupo social.

“[...] Essa área do conhecimento tem como premissa entender e registrar os saberes dos povos tradicionais, ou seja, as relações ser humano/natureza” (ROSA 2018, p. 22). A autora ainda ressalta que a etnociência permite uma linha de raciocínio que leva em conta a sabedoria local, na qual o conhecimento é construído pelo convívio das pessoas em determinado lugar.

A etnociência tem auxiliado no registro dos saberes tradicionais. Essa perspectiva busca compreender os processos naturais e o conhecimento humano diante do mundo natural, assim como a cultura dessas pessoas, conforme destaca Ávila et al. (2018).

As etnociências buscam estudar, documentar e valorizar o acervo de conhecimentos, saberes e práticas dos povos tradicionais, sendo estes povos: os indígenas, caiçaras, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, pescadores artesanais etc. (Ávila et al., 2018).

Nessa perspectiva, os povos do campo são vistos como detentores de saberes específicos na sociedade, ou seja, são sujeitos produtores de conhecimentos. Suas práticas e relação com a natureza ajudam a construir a Educação do Campo.

Considerando que a etnociência envolve hoje conceituações bastante diversificadas, se torna necessário abordá-la de forma crítica, não tanto a sua conceitualização ligada a classificações, porém, na eficaz dinâmica das relações sociedade - natureza, pois nos questionamos se etnociência a partir de seus fundamentos permite na prática a construção de uma racionalidade ambiental através do saber local. (SILVA; FRAXE, 2013, p. 02).

A etnociência valoriza a relação do homem com a natureza e as práticas desenvolvidas por estes nesse ambiente natural. Tais aspectos dialogam com a educação do campo, uma vez que esta reconhece as maneiras peculiares de interagir e tirar o sustento da terra, ou seja, o modo de vida das comunidades tradicionais.

Partindo das fundamentações teóricas clássicas para entendermos sobre esse processo, diversas são as linhas de pesquisa da etnociência que contribuem para o estudo do saber tradicional, os quais trazem subsídio prático para o processo da conservação biológica. A **Etnobotânica**, ciência que estuda a influência da vegetação na cultura e como a ciência das relações entre o homem e as plantas (YEPES, 1953), parte como nosso primeiro exemplo. Além de o conhecimento **etnobotânico** contribuir para o conhecimento científico das espécies vegetais, seu estudo tem como foco, também, a reversão do conhecimento fornecido pelos informantes para sua própria comunidade. (SILVA; FRAXE, 2013, p. 02 – grifo nosso).

Para fins desta monografia, temos a integração da etnobotânica com a educação do campo por meio da valorização dos saberes empíricos dos sujeitos do campo, sobretudo as práticas não convencionais de saúde que estes vêm desenvolvendo em seu território (nos quintais do município de Teresina de Goiás).

Nesse caso, o conhecimento e o uso medicinal das plantas como práticas compartilhadas pelos membros dessa localidade.

Etnobotânica: é o estudo das inter-relações entre povos e plantas. As investigações compreendem os sistemas de denominação das plantas pelas comunidades tradicionais em seus diversos contextos de uso. É de interesse da Etnobotânica o conhecimento que esses povos têm das plantas, o uso que fazem delas e como as tratam. (ARAÚJO, 2014, p. 68 – grifo do autor).

Em prol do fortalecimento das práticas tradicionais, os movimentos sociais do campo têm dado uma atenção redobrada para os saberes que são desenvolvidos por esses sujeitos do campo. Muitos ainda possuem hábitos peculiares, tradições que foram passados de geração em geração sobre a medicina popular, uso das ervas, que vem auxiliando suas famílias até os dias de hoje.

De acordo com Silva e Prada (2019), a Educação do Campo é pensada pelos próprios camponeses, favorecendo sua identidade, costumes e cultura. A saúde é preocupação do MST desde 1980 quando foram criadas as equipes de saúde nas primeiras ocupações de terra.

O MST tem desenvolvido encontros e documentos de discussão sobre o tema, refletindo sobre a saúde e reivindicando, além da atenção médica com prioridade à promoção e prevenção, o respeito às diferenças culturais e o fortalecimento das práticas não convencionais em saúde. (SILVA; PRADA, 2019, p. 50).

Os autores também destacam que a dificuldade de acesso aos serviços de saúde promovidos pelo Estado, em alguma medida, tem contribuído para que ocorra a manutenção desses conhecimentos etnobotânicos ou da etnomedicina, que permanecem em uso, mas não somente pela necessidade, mas como prática e saberes culturais dessas comunidades.

Em sua generalidade, o ser camponês está imbricado à natureza numa relação cotidiana, e essa interação se dá por um contínuo conhecer, pelas descobertas, por uma práxis empírica ampla e, preponderantemente, pela experimentação durante longo lapso de tempo, efetivando tentativas que levam acertos e erros, e, com isso, orientam as escolhas. (TARDIN, 2012. p. 182).

Dessa maneira, os conhecimentos dos povos do campo se realizam na prática diária, no fazer empírico, sendo construídos ao mesmo tempo em que são ensinados ou compartilhados oralmente nas diversas atividades da comunidade.

3 METODOLOGIA

3.1 Pesquisa qualitativa

A presente monografia tem como referência a pesquisa qualitativa sob a perspectiva etnográfica. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares.

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21).

De acordo com Pereira et al. (2018, p. 67) “os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo”.

O método qualitativo como prática de pesquisa não segue um único padrão ou uma estrutura fechada. Dessa maneira permite que as hipóteses e a subjetividade conduza o pesquisador a buscar trabalhos que explorem novas ou diferentes perspectivas.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI, 1998, p. 79 apud FREITAS et al., 2007, p. 03).

Por esse método não seguir um único padrão, o pesquisador é também um importante elemento nesse processo, pois ele estará imerso no ambiente investigado. É importante salientar a necessidade do compromisso ético do pesquisador, principalmente no respeito às tradições, modo de vida de uma comunidade, ou seja, isto deve ser colocado à frente do processo de investigação.

O caráter descritivo da investigação ou da presente pesquisa tem como cenário o município de Teresina de Goiás, mais precisamente os saberes etnobotânicos que são utilizados nos quintais dessa cidade.

O foco dessa pesquisa é o conhecimento sobre as plantas por boa parte dos moradores teresinenses, pois nessa localidade existem etnoespecialistas, que partilham sua sabedoria com vistas a promover o cuidado com a saúde coletiva.

As práticas dos membros da comunidade teresinense e seus saberes são investigados a partir dos seus quintais, por isso o método qualitativo foi definido como meio de adentrar essa realidade com vistas a descrever costumes e, conseqüentemente, refletir sobre estes.

A pesquisa qualitativa é uma metodologia que os pesquisadores utilizam para responderem questões referentes ao comportamento humano e suas práxis na sociedade. E nesse sentido gerar um novo conhecimento daquilo que se estuda.

Dessa maneira, consideramos o método qualitativo como a melhor escolha para investigação das práticas etnobotânicas dos moradores, tendo como foco os quintais do município de Teresina de Goiás. É nessa vivencia, portanto, que buscamos descrever as informações pertinentes a este contexto de pesquisa.

3.2 Etnografia

Em relação à pesquisa etnográfica, ela pretende entender, na sua rotina, os procedimentos do cotidiano em suas variadas maneiras de ser. Corresponde-se a um submergir no microssocial, enxergado com um olhar amplificado (SEVERINO, 2014).

Para entender as técnicas, as habilidades, assim como os costumes e o modo de vida social de um povo, temos a etnografia, que possui formas próprias de estudo.

A etnografia se faz presente dentro da concepção naturalista como o método de pesquisa social por excelência, inclusive como o único método que considera que qualquer descrição do comportamento humano requer a compreensão dos significados locais para descrevê-lo. Esta abordagem metodológica, por alinhar-se a concepções interpretativas, pressupõe que a realidade seja construída socialmente, expressando-se nas práticas, nos discursos e nas instituições criadas. Por esse motivo, essa abordagem demanda, no processo de pesquisa, a compreensão da cultura que estamos estudando, não podendo se dar a partir de procedimentos standardizados. (SATO; SOUZA, 2001, p. 32).

Partindo desse princípio, entende-se que esse método revela as culturas e as tradições de um povo juntamente com seus respectivos significados por intermédio da descrição e da observação sensível do pesquisador inserido naquele contexto. Isto pode possibilitar o compartilhamento de um novo conhecimento sobre a realidade estudada.

“O objetivo da etnografia é o de descrever as vidas das pessoas que não nós mesmos, com uma precisão e de uma afiada sensibilidade através da observação detalhada e da experiência de primeira mão”. (INGOLD, 2011, p. 01)².

² Versão traduzida. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold\(1\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold(1).pdf). Acesso 10/08/2022.

A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta. (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 2).

A sensibilidade e a experiência do pesquisador com compromisso ético e, principalmente, a participação dos colaboradores, é essencial para garantir a realização do estudo por meio da pesquisa de campo. A troca deve ocorrer de forma recíproca. Não cabe ao pesquisador fazer o julgamento, mas cabe a ele descrever a realidade utilizando-se de uma ótica sensível diante das informações colhidas.

3.3 Pesquisa de campo

Para a fundamentação dessa pesquisa foi necessário primeiramente que se realizasse uma pesquisa bibliográfica que, segundo Lakatos e Marconi (2003), consiste na revisão ou no levantamento de obras acerca do tema em questão. Este procedimento tem por finalidade colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito e registrado sobre determinado assunto.

A fim de descrever a realidade a partir da experiência em campo, outro procedimento foi adotado: a pesquisa de campo. De acordo com Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa de campo tem por objetivo o levantamento de informações ou o conhecimento sobre um fenômeno pelo qual se procura uma resposta em contato direto com a realidade estudada.

A pesquisa de campo é o momento em que o pesquisador participa fisicamente do estudo em questão em contato direto com os colaboradores na busca para entender sua vida cotidiana. A pesquisa de campo busca informações diretamente com a população. Ela exige do pesquisador um contato mais direto com o território ou contexto investigado. (PIANA, 2009).

A curiosidade em compreender o desconhecido nos coloca perto do objeto ou da realidade de estudo, bem como dos colaboradores da pesquisa de maneira que ambos podem viver em meio àquela própria realidade. “Estar em campo é ir além da coletas de dados, mas também observar as situações que podem ocorrer e registrá-las” (ROSA, 2018, p. 32). A pesquisa de campo busca especular e compreender os contextos (social, político, cultural, linguístico etc.) de determinado território.

Segundo José Filho (2006, p. 64 apud PIANA, 2009, p. 167), “o ato de pesquisar traz em si a

necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

Para fins da presente pesquisa, durante a realização da pesquisa de campo, foram realizadas visitas técnicas a três quintais para observação e anotações sobre as práticas etnobotânicas empregadas: plantas, modo de preparo de remédio, benefícios das plantas em prol do cuidado à saúde, entre outros. Vale salientar que os quintais escolhidos serviram de base para o registro dos saberes presentes nesses espaços.

3.4 Entrevista

A entrevista é um dos procedimentos metodológicos que possibilitam ampliar o levantamento de informações que constituem a investigação científica. O diálogo com os colaboradores permite ao pesquisador conduzir a entrevista por meio de pontos norteadores a fim de que o entrevistado possa exprimir suas ideias ou descrever as informações consideradas pertinentes.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 178).

Vale ressaltar que a entrevista possibilita que diferentes atores sociais contribuam com a pesquisa uma vez que não é necessário que o entrevistado responda às questões de forma escrita. Assim, todos podem participar, incluindo pessoas que não tenham sido alfabetizadas.

Um dos elementos integrantes da construção dessa pesquisa foi a realização de entrevistas orais colhidas em campo. Segundo Silva (2013) as entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos inscritos registros.

Para conhecer as práticas medicinais que são desenvolvidas dentro dos quintais do município de Teresina de Goiás sobre o uso de plantas como recurso terapêutico, foi necessário ter como base uma entrevista semiestruturada para coleta dos dados dos entrevistados.

Com o direcionamento da entrevista, algumas perguntas foram feitas a três pessoas mais idosas da comunidade, que possuem entre 60 e 80 anos, sendo duas mulheres e um homem, que preferiram ser chamados na pesquisa, apenas de entrevistado (1, 2, 3). Estes

foram escolhidos por serem detentores de conhecimentos considerados de relevância para os moradores do município de Teresina de Goiás. As perguntas foram mais especificamente sobre o cultivo, uso e relevância das plantas que eles utilizam nas práticas etnobotânicas e etnomedicinais – promoção da saúde dos seus familiares e amigos do município em questão.

No intuito de relatar esses conhecimentos e a compreensão do uso das plantas medicinais que estes membros da comunidade ainda utilizam nos seus quintais, algumas perguntas foram feitas, buscando respostas espontâneas dos colaboradores. As perguntas que nortearam a entrevista foram:

- 1) Qual é o nome do senhor/a?
- 2) Há quanto tempo mora em Teresina de Goiás?
- 3) Qual a importância das plantas (ervas) medicinais na vida do senhor/a?
- 4) Os remédios que o/a senhor/a faz são em forma de chá, moído, sumo ou outros?
- 5) O/A senhor/a acha importante manter esses costumes?
- 6) O/A senhor/a acha que sua sabedoria em prol do cuidado à saúde tem ajudado seus familiares e amigos do município de Teresina de Goiás?
- 7) O/A senhor/a acha que houve mudança nas ervas que eram utilizadas no passado e as que são utilizadas agora (nos tempos atuais)?
- 8) O/A senhor/a costuma trocar conhecimentos com outra pessoa da cidade sobre o uso das plantas?
- 9) Quais plantas medicinais possuem no quintal do/a senhor/a?
- 10) Qual o nome delas e para que servem?

As entrevistas foram gravadas pelo gravador de voz do celular e posteriormente transcritas no sentido original, conforme dito pelo entrevistado.

4 SABERES E PRÁTICAS ETNOBOTÂNICAS

As práticas de cuidados à saúde são antigas, pois sempre estiveram presentes ou fizeram parte das atividades de cuidado familiar e comunitário no contexto dos diferentes grupos humanos. Dentre as diversas práticas utilizadas e difundidas pela cultura popular, as plantas medicinais ocupam lugar de destaque (HEISLER, 2015).

“Durante a maior parte da história da humanidade, os problemas relacionados com as doenças, suas causas, implicativos e o processo de cura como um todo esteve atrelado e dependente dos serviços de indivíduos conhecedores dos potenciais curativos dos elementos disponíveis na natureza”. (THOMAS, 1991 apud LINS, 2014, p. 933).

Observamos, então, que as plantas medicinais vêm sendo utilizadas como elemento de cura desde a era mais remota pelos mestres dos saberes, tanto que eles não tinham contato com remédios clínicos de tal modo que utilizavam apenas as plantas medicinais encontradas na natureza.

Machado e Dória (2017) enfatizam que o avanço da medicina ocidental resultou no quase desaparecimento da medicina popular. Esta cultura consiste no uso de plantas no tratamento de doenças. E diante disso, os autores alertam para o resgate da cultura popular e também para aplicações desses conhecimentos nos tempos atuais.

Embora essa prática tenha sido desvalorizada com o passar do tempo, os estudos etnobotânicos têm auxiliado no desenvolvimento de políticas públicas que tem como base o reconhecimento e valorização desse saber.

“Todavia as práticas terapêuticas e de cura relacionadas aos “saberes práticos” e ao conhecimento relacionado com as tradições populares não desapareceu, pelo contrário, acabaram encontrando seu lugar nessa nova sociedade que se reinventava, articulando seus saberes e ampliando a gama de elementos aos quais recorria para se fundamentar e se legitimar (LINS, 2014, p. 944).

Nesse sentido, visando à valorização de práticas que zelem pela saúde, é que se fundamenta a elaboração desta pesquisa, trazendo referenciais acerca de quais saberes medicinais ainda são utilizados na atualidade nos quintais do município de Teresina de Goiás.

Desse modo, consideramos relevante destacar a manutenção de tais saberes para que se tornem conhecidos pelas futuras gerações. É válido lembrar que os saberes etnobotânicos têm resistido ao longo dos tempos como resultado das práticas sociais passadas de geração a geração.

O quintal é o espaço singular do entorno das moradias no qual se produz a vida, pelo que se cria, pelo que se cultiva, pelo cuidado em sua manutenção e pelas várias atividades do labor e da socialização cotidianamente ali desenvolvidas. Nas comunidades rurais ele é a transição entre o domesticado e a natureza "mato", no linguajar dos homens do campo. (ALMEIDA, 2016, p. 03).

Assim, os quintais do município de Teresina de Goiás não simbolizam somente um espaço que fica ao redor das casas, mas um lugar onde os moradores (dentre eles os mais idosos) produzem seu conhecimento do uso de plantas medicinais (incluindo plantas nativas do cerrado), que aprenderam a cultivar nos seus quintais para fins de cuidado com a saúde.

A seguir temos alguns registros de plantas que se encontram nos quintais e são utilizadas pelos moradores de Teresina de Goiás.

Foto 1- Babosa: quintal do entrevistado 3



Fonte: registro do autor, 2021.

Foto 2- Manjerição: quintal do entrevistado 1.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Para fins do trabalho, seguem alguns relatos a respeito da etnomedicina praticada dentro dos quintais do município de Teresina de Goiás, por alguns moradores. Esses depoimentos têm como base a entrevista realizada com os colaboradores da pesquisa.

Uma das primeiras perguntas abordadas no roteiro que compôs a entrevista semiestruturada foi sobre a importância das ervas medicinais para os entrevistados: *Qual a importância das ervas medicinais na vida do senhor (a)?*

Entrevistado 1: Todas elas eu acho importante porque tudo é uma medicina, que tudo tem me valido, tem me servido, tem me curado. Essas ervas me acompanham há muito tempo desde tempo dos meus pais. Aprendi a dar valor nas ervas e para que elas servissem, tudo isso aprendi com meus pais.

Entrevistado 2: Para mim tem muita importância porque é bom para saúde, se você está doente você faz um chá, toma e fica bom.

Conforme salienta Paulino et al. (2011, p. 158), “cada formação vegetal possui plantas com características medicinais, servindo muitas vezes para comunidades como um meio bastante eficaz de cura das enfermidades”.

Outro aspecto destacado por Pires et al. (2014), é o fato de que, muitas vezes, o uso de

plantas medicinais apresenta-se como o único recurso terapêutico disponível para determinada comunidade. Já Argenta et al. (2011, p. 52) diz que “os principais fatores que influenciam na manutenção desta prática são o baixo nível de vida da população e o alto custo dos medicamentos”.

A ausência ou a precariedade de políticas públicas na área da saúde voltadas ao meio rural brasileiro certamente deve ser considerada como aspecto de influência no uso de plantas medicinais. Todavia, esse assunto não pode ser compreendido ou limitado a essa perspectiva, tendo em vista que a etnomedicina é bastante antiga e os saberes etnobotânicos mantêm relação com a tradição de diferentes povos ou culturas espalhadas pelo mundo.

Iniciada antes da medicina moderna, a medicina tradicional definida pela OMS como sendo a soma de todos os conhecimentos teóricos e práticos, explicáveis ou não, utilizados para diagnóstico, prevenção e tratamento físicos, mentais ou sociais, baseados exclusivamente na experiência e observação e transmitidos verbalmente ou por escrito de geração a outra (PEREIRA, et al., 2004, p. 37).

Os autores enfatizam, ainda, que a medicina tradicional continua viva na contemporaneidade e segue práticas que foram transmitidas desde eras remotas. Portanto, essas práticas são relevantes para o desenvolvimento da ciência, uma vez que a sabedoria e as práticas de cuidado à saúde fazem parte de diferentes contextos: social, cultural, ambiental etc.

Entrevistado 3: As ervas são importantes só de elas não possuir química, só de ser natural já é importante. Muitas vezes nos dias de hoje a gente toma os remédios de farmacêuticos para combater uma doença, mas causa outras. E já os chás das ervas naturais é bom e sabemos o que estamos tomando.

Esse relato revela o apego e a íntima relação que o entrevistado 3 tem em relação às plantas medicinais. Além de destacar que possui o conhecimento do que está consumindo, ressalta que sua prática está em sintonia com os aspectos naturais que o cercam.

Conforme constatado na entrevista, o colaborador atribui menor valor ou menor eficácia ao remédio produzido em laboratório (medicina moderna) e demonstra maior confiança na “medicina natural” (ou etnomedicina).

Outro fator é que, até mesmo nos grandes centros urbanos, não somente em áreas interioranas, como o município de Teresina de Goiás, as pessoas acabam não entendendo a linguagem dos profissionais de saúde (médicos/as, enfermeiros/as, técnicos). Isso ocorre pelo uso de termos muito técnicos ou até mesmo pela comunicação formal estabelecida com esses profissionais.

“Embora a medicina moderna esteja bem desenvolvida, atualmente, um sentimento geral de decepção com a medicina convencional e o desejo de adotar um estilo de vida „natural“ têm levado à utilização crescente e outras formas de terapia, inclusive em países desenvolvidos”. (ARGENTA et al., 2011, p. 53).

Assim, Reis (2019, p. 26) salienta que: “apesar dessa relação controversa, é possível perceber que houve um avanço no que diz respeito às políticas e à regulamentação do uso de plantas para fins curativos, passando-se a reconhecer a fitoterapia como método terapêutico”.

Nas palavras de Morais (2015, p. 43), “os fitoterápicos de países tropicais vêm ocupando uma posição de destaque no desenvolvimento tecnológico e são fontes medicinais para a descoberta de novos fármacos”.

Em relação ao segundo tópico da entrevista, este teve como foco os elementos culturais envolvidos nesse processo de uso das plantas medicinais: *o senhor (a) acha importante manter esses costumes?*

Entrevistado 1: Eu acho importante manter esses costumes porque nasci e me criei usando remédios caseiros, a medicina das planta. Isso vem dos meus avós e dos meus pais, esses costumes deve ser mantidos porque têm me servido muito. Ai de mim se não fosse esses remédios,

Entrevistado 2: Eu acho importante porque tem me ajudado muito e também é importante manter porque os remédios caseiros são melhores que de farmácia, é mais barato e é mais acessível. Enquanto o de farmácia vai curar uma doença e pode gerar outra. A gente tem saúde quando tá tomando remédio caseiro. Foi uma vez na consulta do médico e ele quis saber o que eu tomo porque eu não tenho pressão alta, diabetes e nem colesterol alto. E eu disse por que eu tomo remédios caseiros.

Podemos observar que os costumes são construídos a partir das vivências no território. Para esses colaboradores, a prática de cuidado a partir do uso das plantas faz parte de sua identidade, ou seja, da maneira como estes foram criados, ensinados.

Podemos entender que as práticas não convencionais de saúde com a utilização de plantas, conforme narrado pelos entrevistados, carregam em si um significado social, tendo em vista que esses saberes são compartilhados entre familiares e amigos.

“[...] As culturas populares se mantêm para demonstrar suas verdades, identificada pela identidade cultural” (LÓSSIO; PEREIRA, 2007, p. 2). E já Branquinho (2007, p. 33) complementa dizendo que: “trata-se de um conjunto de códigos, valores e entendimento sobre si mesmo, sobre sua família, sobre o trabalho, etc. que tem, na cultura das ervas, uma de suas formas de expressão”.

Segundo Lóssio e Pereira (2007, p. 1), “o conhecimento da cultura local reforça a

valorização bem como o incentivo ao desenvolvimento da região”. Os autores ainda destacam que quanto mais se valoriza as manifestações, crenças e expressões populares, mais estímulo estas terão diante da sociedade.

Durante o período de visita técnica aos quintais pesquisados, foi possível notar que os costumes são mantidos pelos entrevistados, sobretudo a colaboradora 3, que demonstrou ter orgulho de manter essa tradição. Para ela, esses ensinamentos, adquiridos dos seus ancestrais, devem ser valorizados e mantidos.

Entrevistado 3: Sim, com certeza. Eu acho muito importante manter esses costumes para não acabar a tradição, né. Eu mesmo gosto de plantar minhas plantinhas. Porque aprendi dessa maneira e dessa maneira que segui, né. Por aqui quase todo mundo tem esse costume.

Portanto, podemos entender nessa entrevista que os costumes praticados por estes membros da comunidade são também uma forma de se expressar, para mostrar à sociedade seus valores culturais e a sua própria identidade.

Segundo Santos (2013, p. 4) “as manifestações culturais, costumes e valores são mantidos na comunidade, por meio da tradição oral, em que esses são passados dos pais aos filhos, dos mais velhos aos mais novos. Em que arriscamos a dizer que a memória é a guardiã de suas tradições, bem como de sua identidade cultural”.

Nos relatos seguintes, tendo como base mais uma das perguntas do roteiro de entrevista, o assunto abordado dessa vez foi sobre a importância da sabedoria medicinal dos entrevistados em prol das pessoas do município: *o(a) senhor(a) acha que sua sabedoria em prol do cuidado à saúde tem ajudado seus familiares e amigos do município de Teresina de Goiás?*

Entrevistado 1: Sim, eu tenho ajudado muito gente com essa medicina aqui em Teresina. O que eu sei já me ajudou muito, já ajudou meus parentes e quem não é parente também eu ajudo.

Entrevistado 2: Sim, o conhecimento que eu tenho ajuda a família, ajuda os amigos daqui da cidade. Conhecimentos é este que me ajudou na criação dos meus netos e dos meus filhos e das pessoas que me pede ajuda até os dias de hoje.

Entrevistado 3: Sim, com certeza! O conhecimento que eu tenho das plantas ajudei e ajudo minha família, principalmente meus três filhos que nunca teve hábito de ir em hospitais e também os amigos próximo, e as pessoas que me procura.

De acordo com os depoimentos colhidos dos entrevistados, podemos notar que os saberes que são empregados por estas pessoas dentro dos quintais do município de Teresina de Goiás têm contribuído para o bem-estar das famílias e para as pessoas desse lugar, uma vez

que essas práticas, herança dos seus antepassados, têm se colocado a serviço dos demais membros da comunidade.

Partindo dessa perspectiva, pode se dizer que as práticas e os saberes compartilhados por estes entrevistados (sujeitos sociais do campo) do município de Teresina de Goiás garantem um lugar de destaque positivo em prol do cuidado, não somente voltada aos seus pares, mas ao mesmo tempo cria-se um laço profundo de relação com a natureza, sobretudo, de preservação e de respeito.

Segundo Santos e Quinteiro (2018), essa perspectiva não pode ser desconsiderada, pois muito se tem discutido sobre o impacto negativo da sociedade humana sobre a biodiversidade,

Em especial, pelo forte desequilíbrio gerado pelas sociedades industrializadas modernas. Entretanto, pouco se tem estudado sobre como comunidades locais exploram, conservam e enriquecem a biodiversidade, compondo a “sóciobiodiversidade” de determinada região. (SANTOS; QUINTEIRO, 2018, p. 08).

Muitos ecossistemas brasileiros abrigam comunidades humanas caracterizadas por diversidades socioculturais, evidenciando o papel desempenhado pelas comunidades tradicionais na preservação dos diferentes ecossistemas nos quais vivem.

[...] desenvolveram estilos de vida relacionados aos ambientes naturais específicos, com suas visões de mundo, particulares, conhecimento intenso e minucioso dos processos naturais. Estabelecem, também, relações com o mundo natural distintas das que prevalecem nas sociedades Urbano- industriais (SANTOS; QUINTEIRO, p. 8).

O último aspecto abordado no roteiro da entrevista é referente às plantas medicinais:

Quais plantas medicinais possui no quintal do(a) senhor(a) e para que elas servem?

Entrevistado 1: Aqui no meu quintal eu tem “Mulatinha” que serve para curar feridas. Faz o sumo ou torra e passa em cima do machucado. Tenho também “Rosa branca” que serve para coração. Ferve a água coloca a flor no copo e abafa na hora que tiver fria toma quantas vezes quiser. Tem a “Favaca”, ela é boa para coração, mas é melhor para doenças respiratórias. Às vezes você tá gripado e está sentindo falta de ar por causa da gripe, aí você toma ela. O preparo é em forma de chá. Tem “Vick”, que é bom para desentupir nariz. Pega a folha esfrega e depois cheira até desentupir o nariz, mas também pode ser feita chá, a preferência é sua. Tem “Manjerição” serve para gripe. Faz o chá da folha. Tem “Mastruz” serve para verme. Tira o sumo da folha e toma. Tem o “algodão”, serve para dor de cabeça, dor de estômago e anti-inflamatório. Faz chá e tira o sumo.

Entrevistado 2: Aqui no meu quintal tem “Ora-pro-nóbis”, que serve de cartilagem para os ossos. Tem “Arruda” que serve para proteger sua casa do mau olhado e energias ruim. Tem “Capim Santo” que serve para tudo. Serve de chá para gripe, para comer com bolo, entre outros. Tem “hortelã”, que serve para gripe. Tem

“Guaco”, que pode ser feito forma de garrafadas e xaropes. Pega a folha dele, corta bem fininho e coloca no álcool de cereais dentro de um vidro embrulhado, bem embrulhado e coloca em um lugar escuro durante sete dias. Após esse período, está pronto o remédio. Serve como antibiótico. Tem “Hortelãzinha”, serve para cólica do fígado, se tiver gordura no fígado também serve e para tosse e bronquite. Tem “Alecrim”, serve para criança quando tá com o peito serrado; e [serve] para pressão alta. Tem “Vick”, que serve para gripe, quando está com o peito serrado faz o chá e toma.

Entrevistado 3: aqui eu tenho a “Hortelã”, que é boa para tosse, né. Mistura-se ela com gengibre e toma. É bom para tosse e para garganta inflamada. Tenho também “Capim Santo”, que é bom para tosse. Utiliza a folha para fazer o chá quente e o suco também da folha. Bate no liquidificador e a raiz machuca e coloca para cozinhar. Tenho também a “Babosa”, que serve para queimaduras. É boa para tomar quando está com o estômago ruim. Meu pai mesmo gosta de tomar. Pode utilizar como cosmético para o cabelo. [a babosa] combate o câncer. Tem “Amora”, que serve para menopausa das mulheres. Tenho também “Folha Santa”, que serve para infecção no corpo, dor de cabeça. Para a dor de cabeça, você passa sobre a testa que ela chega a murchar, tira a dor que seca a folha.

Como resultado da pesquisa de campo, foi realizado o levantamento dos nomes populares de plantas medicinais existente nos quintais investigados, do município de Teresina de Goiás. Abaixo, seguem as informações de algumas plantas medicinais utilizadas pelos colaboradores da pesquisa.

Quadro 1 - Plantas medicinais e suas utilidades

Nome Popular	Parte Utilizada	Indicação de Uso	Modo de Usar
Mulatinha	Folha	Curar feridas.	Sumo e torrada
Rosa branca	Flor	Tratamento do coração.	Chá
Vick	Folha	Desentupir nariz, peito serrado e gripe.	Chá e sumo
Favaca	Folha	Coração, gripe e doenças respiratórias.	Chá
Manjeriçã	Folha	Gripe.	Chá
Mastruz	Folha	Verme.	Sumo
Ora-pro-nóbis	Folha	Cartilagem; boa para os ossos.	Chá e salada
Arruda	Todas as partes	Espantar mau olhado e energias negativas.	Deixar ao redor da casa
Capim Santo	Folha e raiz	Gripe, pressão alta.	Chá e suco
Hortelã	Folha	Gripe, garganta inflamada.	Chás

Guaco	Folha	Tosse.	Xarope
Hortelãzinha	Folha	Cólica de fígado e gordura no fígado.	Chá
Alecrim	Folha	Bronquite e pressão alta	Chá
Babosa	Folha	Anti-inflamatório, cosmético, queimadura, preventivo para o câncer.	Suco e sumo
Amora	Folha	Menopausa.	Chá
Folha santa	Folha	Infeção e dor de cabeça.	Chá; passar a folha sobre a testa.
Algodão	Folha	Dor de cabeça, de estômago e anti-inflamatório.	Chá e sumo.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

As informações sistematizadas e apresentadas no quadro demonstram os tipos de plantas, o modo de preparo e as indicações de uso por parte dos colaboradores. Percebemos que os saberes e fazeres desenvolvidos nos quintais do município de Teresina de Goiás, voltados para o cuidado com a saúde, carregam em si as práticas etnobotânicas transmitidas de geração a geração.

Acredita-se que a sabedoria experienciada nesses espaços também parte da esperança, da credence, do cuidado com o outro, sempre acreditando que há algo maior que conceda suporte nas horas necessárias (BRANQUINHO, 2007) – a exemplo dos conhecimentos da medicina popular como os que são praticados nos quintais teresinenses.

De acordo com os depoimentos colhidos na pesquisa de campo, podemos notar que as plantas citadas pelos entrevistados são diversificadas, algo comprovado nas observações feitas nos três quintais investigados. Apenas uma minoria se repete, como é o caso do Vick³ (quintal dos entrevistados 1 e 2), do Capim Santo, (entrevistado 2 e 3) e Hortelã (entrevistados 2 e 3).

Nesse sentido, Moraes (2015, p. 47) afirma que “a diversidade das espécies nos quintais são influenciadas por fatores intrínsecos e extrínsecos, como função e tamanho do quintal, assim como fatores socioeconômicos e culturais e pela própria necessidade da família residente”.

Outro aspecto a ser abordado é que além do cuidado com o preparo dos remédios

³ Popularmente conhecida na região como vick, mas é possível encontrar em outras localidades do país esta planta com a denominação de “hortelã-japonesa”.

Ver: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/100667/1/Folder-hortelajaponesa.pdf>.

caseiros pelos entrevistados, há também a preocupação com o “mau olhado e energias ruins”: Entrevistado 2: “Tem „Arruda“ que serve para proteger sua casa do mau olhado e energias ruim”.

Isso demonstra uma preocupação não somente com as questões da saúde física, mas também o cuidado mental ou espiritual, nos levando a refletir sobre a saúde numa perspectiva integral. Essa característica se encontra presente em rituais religiosos ou práticas de cura de diferentes comunidades tradicionais, a exemplo daquelas empregadas por povos indígenas.

As plantas são utilizadas, desde eras remotas, em rituais religiosos, por diferentes civilizações, promovendo o encontro dos homens com os seus deuses (REIS, 2019). Além disso, a acumulação da sabedoria popular sobre o uso de plantas não se restringe ao tratamento de doenças que ataca as pessoas apenas no terreno físico, mas no místico também. (BRANQUINHO, 2007).

Nesse processo, o modo de ser e de existir é carregado de mistérios que transcendem para além do nosso entendimento. Isto é, algo que está relacionado com a fé, a esperança e a existência de algo ou alguém superior entre nós (e que, de alguma maneira, nos ajuda nas horas de dificuldade, sobretudo, nos momentos de doença).

Portanto, podemos entender que, nos quintais do município de Teresina de Goiás, o uso de plantas medicinais possui formas diferentes de uso, preparo, ou seja, essas práticas perpassam a lógica científica, pois os remédios que são produzidos por essas pessoas são também muitas vezes utilizados para tratar o mal-estar físico e o espiritual.

Segundo Branquinho (2007, p. 25), “quinada ou em infusão, como chá ou banho, unguento ou loção, as ervas são usadas como afrodisíacos, profiláticos, medicamentos, venenos ou antídotos. São usadas para o corpo, mas muitas vezes são usadas para problema da alma”. A autora completa dizendo que a utilização dessas práticas pode ser mediada com base na fase da lua, dia da semana, a devoção a um santo etc.

Nesse sentido, Reis (2019, p.24) ressalta que “o uso de plantas medicinais para fins medicinais no Brasil remonta ao período da colonização e possui influências marcantes das culturas africana, indígena e europeia”. Segundo a autora, a medicina popular emerge da diversidade de conhecimentos, ou seja, é resultado de uma construção intercultural.

Com base nas visitas realizadas aos três quintais, foi possível perceber que os quintais se revelam como espaço de práticas de cura não convencionais, lugar onde se promove experiências, espaço de recreação das famílias e local de propagação de conhecimentos.

Nas palavras de Morais (2015, p. 43), “o quintal é compreendido como um sistema de

produção complementar a outras formas de uso da terra e se destaca pelo valor econômico que desempenha na residência, constituindo fonte de riquezas natural e social”.

Esta é uma grande riqueza cultural. No entanto, grande parte dessa riqueza está sendo desperdiçada por que cada vez mais pessoas elegeram o conhecimento desenvolvido pela ciência como a única forma de pensar em resolver problemas. Isso fez com que muitas formas de pensar e agir sobre o nosso mundo começassem a ser desacreditadas, esquecidas e ignoradas (ÁGUAS, 2021. p. 21).

A autora ressalta ainda que “diferentes povos podem trazer diferentes soluções para as mesmas questões, a depender de sua história, de seu meio, de suas experiências, escolhas e relações sociais” (ÁGUAS, 2021, p. 21).

Por fim, essas práticas apresentam-se como elementos de relevância para o contexto da Educação do Campo e das etnociências, pois, além do reconhecimento e a valorização dos saberes tradicionais, constituem a identidade cultural dos povos do campo, ainda que permaneçam desconhecidas, ignoradas ou desvalorizadas por diferentes setores da sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa vem enfatizar a importância de conhecer e compreender as práticas não convencionais de saúde que são desenvolvidas nos quintais do município de Teresina de Goiás. Tais atividades têm auxiliado na promoção do cuidado à saúde da população local. Estas se apresentam como um bem imaterial e também constituem a manutenção das tradições locais.

Vale ressaltar que a Educação do Campo e as etnociências têm chamado atenção para a valorização e reconhecimento dos saberes e práticas etnobotânicas, a exemplo das experienciadas nos quintais do município de Teresina de Goiás.

Nesse sentido, os quintais do município de Teresina de Goiás se apresentam como espaços de manutenção da vida para nossos familiares e amigos. Essa maneira de viver e existir tão peculiar vem nos garantindo autonomia e dignidade frente aos meio convencionais de saúde, que muitas vezes nos abandonam, não cumprindo o seu papel.

Por intermédio da Educação do Campo, foi possível me reconhecer como sujeito desse processo de valorização e tomada de consciência da relevância dos saberes tradicionais. Esta pesquisa possibilitou entender que o modo como expressamos e vivemos diante da sociedade não nos diminui, pelo contrário, nos situa e traz segurança para a afirmação da nossa identidade cultural, que também pode ser mostrada ao mundo.

Vale salientar que as práticas de cuidado à saúde, utilizando plantas medicinais, carregam consigo valores e significados que perpassam um simples cultivar de plantas, mas revela um respeito profundo no cuidado com os semelhantes e respeito pela natureza. Vale enfatizar também que as práticas desses sujeitos, do município de Teresina de Goiás, têm recebido apoio dos movimentos sociais do campo, uma vez que pesquisas como esta podem documentar e reforçar as ações da população campesina.

Há várias maneiras de viver na sociedade contemporânea, mas são os meios e os hábitos que aderimos em prol do nosso bem-estar que promovem a vida. Decerto as plantas medicinais são imprescindíveis nessa caminhada.

REFERÊNCIAS

ÁGUAS, C. L. P. et al. **Águas e saberes na chapada dos veadeiros**. Juiz de Fora MG: Águas produções, 2021.

ALMEIDA, Maria Geralda. Comunidades tradicionais quilombolas do nordeste de Goiás: quintais como expressão territoriais. Confins: **Revista Franco Brasileira de Geografia**, N. 29, p. 01-75, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/11392> acesso 26 setembro 2021. Acesso em: 18/10/2022.

ARAÚJO, Gilberto Paulino. **O conhecimento etnobotânico dos Kalunga**: uma relação entre língua e meio ambiente. Tese (Doutorado). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, 2014.

ARGENTA, Sheila Crestanello et al. Plantas medicinais: cultura popular versus ciência. **Vivências**: Revista eletrônica de extensão. Vol.7, N.12, p. 51- 60. 2011. Disponível em: <https://www.ufpb.br/nepfh/contents/documentos/artigos/fitoterapia/plantas-medicinais-cultural-popular-versus-ciencia.pdf>. Acesso em 13/09/2022.

ARROYO, Miguel G; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: DF. Articulação Nacional por uma educação básica do campo, 1999. Coleção por uma educação básica do campo, nº 2.

ÁVILA, Sheila et al. A importância da etnociência na conservação e manutenção da sociobiodiversidade. **Cadernos de Agroecologia**. Vol. 13, N. 1, julho, 2018. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/858> Acesso em: 02/11/ 2022.

BICALHO, Ramofly. História da Educação do Campo no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais. In: COELHO, G. L. S; ARAÚJO, G. P. (Orgs). **Educação do campo e cidadania no Brasil contemporâneo**. Palmas/ TO: EDUFT, 2018.

BRANQUINHO, Fátima. **O poder das ervas na sabedoria popular e no saber científico**. Rio de Janeiro: Editora mauad x, 2007.

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do campo: Declaração 2002. In: KALLING, E; CEERIOLI, P. R (orgs). **Por uma Educação do campo: Educação do Campo: Identidade e políticas públicas** 2002. Coleção. n. 4.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. (Org.). **Por uma Educação do Campo**: campo-políticas públicas- Educação. Brasília: INCRA; MDA, 2008.

CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 259-261.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. In: EDGAR, J. K.; PAULO, R. C.; CALDART, R. S. (Orgs). **Por uma Educação do Campo: Educação do Campo: Identidade e políticas públicas**. 2002. Coleção por uma educação do campo, n. 4.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FREITAS, S. N. et al. A universidade e as projeções de concepções/representações de deficiência vivenciadas por alunos com necessidades educacionais especiais da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. **IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial**. Londrina, 29 a 31 de outubro de 2007.

Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/003.p df>.

Acesso em: 17/10/2022.

FRIGOTTO, G. Projeto societário contra-hegemônico e educação do campo: desafios de conteúdo, método e forma. In: MUNARIM, A. et al. (Orgs.). **Educação do campo: reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2010. p.19-46.

HEISLER, Elisa Vanessa. Saberes e práticas populares no cultivo de horto medicinal. **Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem)**. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria - RS, 2015.

INGOLD, Tim. Epilogue: Anthropology is not Ethnography.” In: _____. **Being Alive**. Routledge: London and New York, 2011. (Tradução e revisão para a língua portuguesa brasileira feita por Caio Fernando Flores Coelho e Rodrigo Ciconet Dornelles). Disponível em: [https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold\(1\).pdf](https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/1862649/mod_resource/content/1/Antropologia_nao_e_etnografia_-_por_Tim_Ingold(1).pdf). Acesso em: 10/08/2022.

JOSÉ FILHO, Pe. M. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, Pe. M; DALBÉRIO, O. **Desafios da pesquisa**. Franca: Unesp - FHDSS, p.63-75, 2006.

LINS, D. A. S. A prática da benzeção em Santa Maria: a sabedoria popular de cura no contexto contemporâneo (1950-2000). **Oficina Do Historiador**, 931–948. 2014. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/190_80. Acesso em: 10/08/2022.

LÓSSIO, Rubia; PEREIRA, Cesar Mendonça. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local**. Trabalho apresentado no III ENECULT- Encontrar de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador- Bahia- Brasil. Faculdade de comunicação, 2007. Disponível em:

http://www.cult.ufba.br/enecult2007/RubiaRibeiroLossio_CesardeMendoncaPereira.p df.

Acesso em: 12/04/2022.

MACHADO, Thiago Teiji; DÓRIA, Karolina Marie. **Principais ervas medicinais utilizadas nos quilombos do Camburi e da Caçandoca**. UNISANTA Bioscience Vol. 6 nº 2 (2017) p. 145-152. Disponível em: <https://ojs.unisanta.br/index.php/bio/article/view/804/869>. Acesso em: 12/04/2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Editora Altas S. A., 2010.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo. Atlas. 2003.

MARÍN, Edna Arévalo. **Dinâmica e transmissão cultural do conhecimento etnobotânico em uma comunidade rural da região semiárida da Paraíba**. 2014. 82 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4565?locale=pt_BR. Acesso em 12/04/2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLINA, Mônica Castagna. Legislação Educacional do campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 453- 454.

MORAIS, Everton Freitas. Plantas medicinais cultivadas em quintais: uma análise etnobotânica. **Revista Científica da Escola da Saúde**, Ano 4, N. 3, p. 41-50. jun/set, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/980-Texto%20do%20artigo-4712-1-10-20151022.pdf>. Acesso em: 26/05/2022.

PAULINO, Renan da Cruz et al. Riqueza e importância das plantas medicinais do Rio Grande do Norte. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Universidade Estadual da Paraíba, v. 11, núm. 1, 2011, p. 157-168. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/500/50021097018.pdf>. Acesso em: 26/05/2022.

PEREIRA, A.S et al. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Santa Maria – RS: UAB/NTE/UFSM. 2018.

PEREIRA, R.C et al. Plantas utilizadas como medicinais no município de Campos de Goytacazes - RJ. **Rev. bras. Farmacogn.**, v. 14, supl. 01, 2004, p.40-44. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfar/a/WkZ6k5qJsWnqw8QFHkFTdJv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26/05/2022.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Cultura acadêmica. 2009.

PIRES, I.F.B. et al. Plantas medicinais como opção terapêutica em comunidades de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. **Rev. Bras. PI. Med**, Campinas, v.16, n. 2, supl. I. 2014.p. 426- 433. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/cvYWgO7RLpwjZDd4p5cxP9G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17/06/2022.

REIS, Natália de Paula. **Um olhar ecolinguístico para os saberes e as práticas de raizeiros da cidade de Nova Glória**. (Dissertação). Faculdade de Letras.

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás, 2019.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Célia Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROSA, Domingas Natália Moreira Santos. **Conhecimento etnoecológico e educação do campo: o modo de produção agrícola (roça de toco) empregado pela comunidade Kalunga Engenho II**. 2018. 51 fls. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música) – Universidade Federal do Tocantins, Arraias TO. 2018.

SANTOS, Rosirene Campêlo. **O processo ritual nas festas da comunidade Kalunga de Teresina de Goiás**. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação Física. Universidade de Brasília, 2013.

SANTOS, Marcelo Guerra; QUINTEIRO, Mariana (Orgs.). **Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. **Psicol. USP**. vol.12, n.2. São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/VvdGxpLzsCswZKZ3LNCPGqR/?lang=pt>. Acesso em: 20/07/2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Aneli Soares da. **Uso das plantas medicinais do Cerrado na comunidade Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina - GO**. Monografia. (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade de Brasília, Planaltina – DF, 2013.

SILVA, Camila Goes da; PRADA, Clara Aleida. Saúde no campo: caminhos percorridos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). *Revista Saúde Debate*. Rio Janeiro, V. 43, N. Especial 8, dez. 2019. p. 50- 65. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/VhwpJZrdhrn3d95Y6vzLrYh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25/05/2022.

SILVA, Maria do Socorro. Nas trilhas da memória da materialização da escola no campo brasileiro: da Educação rural à Escola do Campo. In: COELHO, G. L. S;

ARAÚJO, G. P. (Orgs.). **Educação do Campo e Cidadania no Brasil Contemporâneo**. Palmas - TO: EDUFT, 2018. p .38-52.

SILVA, F.J. P; FRAXE, T. J. P. Saberes de populações tradicionais: etnociência em processos de bioconservação. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, Agosto 2013. Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/25/biodiversidade.html. Acesso em 13/03/2022.

SOUZA, Ronés José de. **Saberes tradicionais presentes no cultivo da mandioca e produção da farinha (Distrito Prata – Monte Alegre – GO)**. 2022. 51 fls.

Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música) – Universidade Federal do Tocantins, Arraias – TO. 2022.

TARDIN, J. M. Cultura camponesa. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 182- 183.

THOMAS, K. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda. 1991.

WIECZORKOWKI, J. R.S.; PESOVENTO, A.; TÉCHIO, K. H. Etnociência: um breve levantamento da produção acadêmica de discentes indígenas do curso de Educação Intercultural. **Revista Ciência & Ideias**, V. 9, N. 3, set./ dez., 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332662989_ETNOCIENCIA_UM_BREVE_LEVANTAMENTO_DA_PRODUCAO_ACADEMICA_DE_DISCENTES_INDIGENAS_DO_CURSO_DE_EDUCACAO_INTERCULTURAL. Acesso em 12/04/2022.

ZENT, S. The Quandary of Conserving Ethnoecological Knowledge. In: GRAGSON, T.L.; BLOUNT, B.G. **Ethnoecology**: knowledge, resources and rights. Athens: The University of Georgia Press, 1999, p. 90-124.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Local da entrevista:

Data:

1. Qual é o nome do senhor (a)?
2. Há quanto tempo mora em Teresina de Goiás?
3. Qual a importância das ervas medicinais na vida do(a) senhor(a)?
4. Os remédios que o(a) senhor(a) faz são em forma chá, moído, sumo ou outros?
5. O/A senhor(a) acha importante manter esses costumes?
6. O/A senhor(a) acha que sua sabedoria em prol do cuidado à saúde tem ajudado seus familiares e amigos do município de Teresina de Goiás?
7. O/A senhor(a) acha que houve mudança nas ervas que eram utilizadas no passado e as que são utilizadas no tempos atuais?
8. O/A senhor(a) costuma trocar conhecimentos com outras pessoas da cidade sobre o uso das plantas?
9. Quais plantas medicinais possui no quintal do(a) senhor(a) e para que elas serve?

Obs.: Todos/as os/as colaboradores/as foram esclarecidos sobre os procedimentos e objetivos da pesquisa e ficaram livres para aceitar ou não sua participação. Tendo em vista que a maior parte dos entrevistados não é alfabetizada, optamos por fazer de maneira oral a solicitação do "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido"

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Solicito
senhor/a,

do/a

_____, a colaboração com
a presente pesquisa intitulada

_____,
de responsabilidade de _____,

_____, aluno/a de
graduação do curso Licenciatura em Educação do Campo - Habilitação: Artes Visuais e
Música, da Universidade Federal do Tocantins/Campus Arraias, sob a orientação do
Professor/a. _____ O
objetivo desta
pesquisa

Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com este
estudo.

O/A senhor/a receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a
finalização do trabalho, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o
mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os
dados provenientes de sua participação na pesquisa, resultantes das entrevistas, ficarão sob
guarda da Universidade Federal do Tocantins/Campus Arraias.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas (semiestruturadas) e observação
participante. É para estes procedimentos que o/s senhor/a está sendo convidado a
participar/colaborar. Sua participação/colaboração na pesquisa não implica nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa avançar nos estudos sobre

_____. Nós garantimos que os resultados do estudo
estarão a sua disposição quando finalizada a pesquisa.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. O/A senhor/a é
livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a
qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de
benefícios.

Se o/a senhor/a tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, poderá contatar a instituição a
qual pertence como aluno/a de graduação - telefone 63 _____. O projeto desta pesquisa
foi revisado e aprovado pelo/ professor/a orientador/a na
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I. As informações com relação à assinatura
deste documento (Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido) podem ser obtidos através do e-mail do
orientador:

gilbertopaulino@uft.edu.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com os pesquisadores responsáveis
pela pesquisa (orientador/a e orientando/a) e a outra com o/a senhor/a.

Assinatura do/a colaborador/a

Assinatura do/a orientador/a

Assinatura do/a orientando/a

Arraias - TO, _____ de _____ de 2022.